

A Arte de Enfermeiros (1741): aspetos do léxico relativo a doenças e remédios no século XVIII

Maria Filomena Gonçalves*

Resumo: Em Portugal, a publicação de manuais de enfermagem é bem mais tardia do que a de tratados de medicina. A primeira obra desse género é a *Postilla Religiosa, e Arte de Enfermeiros* (1741), escrita pelo Padre Diogo de Santiago. Na Parte II desta obra, o autor descreve não só os tratamentos e as mezinhas que costumava administrar aos enfermos, mas também os cuidados a ter, em função da doença, com a alimentação e a higiene. O objetivo deste trabalho é analisar uma amostra constituída por nomes e expressões relativos a enfermidades e remédios. Testemunho da linguagem de um enfermeiro do século XVIII, a *Arte de Enfermeiros* é uma fonte relevante quer para o estudo da língua desse século, quer para o conhecimento das terminologias então usadas no domínio dos cuidados de saúde.

Palavras-chave: doenças, enfermagem, léxico, português, remédios, século XVIII.

Arte de Enfermeiros (1741): notes on the 18th-century lexicon of diseases and treatments

Abstract: In Portugal, nursing manuals began to be published much later than medical treatises. The first manual of this kind was *Postilla Religiosa, e Arte de Enfermeiros* (1741) by Father Diogo de Santiago. In Part II of the volume, the author describes the treatments and medicines administered to the sick, as well as the care provided in terms of food and hygiene, depending on the disease in question. The aim of this study is to analyse a sample of names and expressions used to describe diseases and medicines. *Arte de Enfermeiros* is representative of the lexicon used by nurses in 18th-century Portugal and offers a relevant source for the study of the Portuguese language and the terminology used in healthcare at that time.

Key words: 18th century, diseases, lexicon, nursing, Portuguese, treatments.

Panacea 2020; XXI (52): 68-85

Recibido: 15.IX.2020. Aceptado: 5.XI.2020.

1. Introdução

Desde o século XVI, o cuidado dos corpos e das almas era missão dos religiosos, motivo por que os primeiros tratados do que hoje se conhece como enfermagem (Nogueira, 1990; Santos, 2012), ademais de instruções para o cuidado físico dos enfermos —aplicação de remédios e outros tratamentos, cuidados de alimentação e higiene—, incluíam orientações para o conforto espiritual dos que padeciam de alguma enfermidade ou estavam agonizantes. Em Espanha, a publicação de obras desse género remonta ao século XVI.

Em Portugal, os manuais destinados a orientar a atividade dos enfermeiros são bem mais tardios do que os tratados de medicina, muito embora estes auxiliassem, ao menos em parte, a prática do cuidado dos enfermos. A primeira obra daquele género intitula-se *Postilla Religiosa, e Arte de Enfermeiros* (1741) e foi escrita por Diogo de Santiago (f. 1747), padre da ordem de São João de Deus (1495-1550), que desenvolveu a sua atividade no hospital militar da cidade de Elvas, onde escreveu a obra cuja Parte II é o objeto deste trabalho.

Natural de Montemor-o-Novo (Alentejo, Portugal), João Cidade, que ficou conhecido como João de Deus, dedicou-se a dar assistência aos pobres e doentes, missão que o levou a fundar um hospital em Granada, onde está sepultado. Beatificado em 1630 e canonizado em 1690, João de Deus inspirou a criação da Ordem dos Irmãos Hospitaleiros (Sampaio, 2019; «Província Portuguesa da Ordem») com a vocação de cuidar dos enfermos, estando a sua ação ligada sobretudo aos hospitais militares (Borges, 2009), quer em Portugal quer em Espanha, mas também em territórios fora da Península (Índia, Brasil e África).

O exercício como enfermeiro no convento-hospital de Elvas, onde veio a morrer em 1747, fica plasmado num manual destinado a instruir os noviços da ordem hospitaleira, em cuja portada se anuncia o contexto de produção e o escopo da obra —«Com que educou, e praticou aos seus Noviços, sendo Mestre delles no Convento de Elvas, para perfeição da vida Religiosa, e voto da Hospitalidade»—, e a figura a quem o autor dedica a Postila: «Fr. Jozé de Jesus Maria, Dignissimo Provincial Apostolico da mesma Província».

Obra pioneira, por ser a primeira escrita em português para orientar os enfermeiros (religiosos) nos cuidados a prestar aos enfermos, nela se descrevem as práticas relativas à atividade hoje conhecida como «enfermagem» (Gameiro, 2005), palavra que é bastante recente, já que na lexicografia portuguesa dela se tem atestação em 1913, data da 2.ª edição do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Cândido Figueiredo (1846-1925). Tal como muitas outras atividades (técnicas, científicas, humanís-

* Universidade de Évora - ECS/DLL. CIDEHUS-UÉ/FCT - UIDB/00057/2020. Dirección para correspondência: mfg@uevora.pt.

ticas) e ofícios «mecânicos» (manuais), cuidar dos enfermos era, no século XVIII, objeto de uma «arte», vale dizer, de um acervo de conhecimentos e preceitos específicos que, vertidos em forma de tratado ou manual, recebia esse nome (arte da gramática, arte química, etc.). Registado desde o século XIII, de acordo com a lexicografia contemporânea define-se o termo da seguinte maneira (Houaiss, 2001):

«[...] segundo tradição que remonta ao aristotelismo, conjunto de meios e procedimentos através dos quais é possível a obtenção de finalidades práticas ou a produção de objetos; técnica. O uso dessa habilidade nos diversos campos do pensamento e do conhecimento humano; acervo de normas e conhecimentos indispensáveis ao exercício correto de uma atividade; tratado que encerra tais normas, procedimentos» (Houaiss, 2001).

As obras destinadas a orientar, de maneira específica, a atividade dos enfermeiros, quer como «arte» quer com outros títulos, surgem no século XVIII para responder a necessidades práticas da assistência aos enfermos, conforme pode inferir-se do facto de em apenas seis anos virem a lume duas obras. Com efeito, depois da «Postila» (1741), em 1747 sai do prelo a segunda obra portuguesa desse género —«Instrução de enfermeiros, e consolação para os afligidos enfermos: e verdadeira pratica de como se devem applicar os remedios, que os Medicos ordenaõ, muito necessaria para que os enfermos sejaõ bem curados, e proveitosa aos praticantes de Medicina»—, embora não seja, na verdade, uma produção original, porquanto se trata da tradução da *Instrucción de enfermeros* (1617), de Andrés Fernández (f. 1625), médico castelhano que pertencia aos «Hermanos Obregones», congregação hospitaleira cujo fundador, Bernardino Obregón (1540-1599), exerceu em hospitais portugueses. Por isso, em bom rigor, a de Fr. Santiago é a única obra setecentista escrita por um enfermeiro português para orientar a assistência aos enfermos.

É de salientar que aquilo que hoje se conhece genericamente como cuidados de saúde, no século XVIII abrangia a observação do estado do paciente, a preparação e aplicação de remédios ou mezinhas, em casa ou em enfermarias de hospitais, sendo que nesses cuidados intervinham vários profissionais (Abreu, 2010): o médico —«aquele que sabe & professa a arte da Medicina» (Bluteau, 1716: 289)—, o «cirurgião», que exercia a «arte da Medicina, que com as operacoes da mão cura chagas, feridas, & outras doenças do corpo» (Bluteau, 1712: 328), o «barbeiro»¹ (Bluteau, 1712: 47) ou «sangrador»² (Bluteau, 1720: 469), isto é, aquele que «sangra» ou «dà sangria»³ ao doente para deste modo «evacuar sangue & os mais humores que andavaõ em as veas misturados com o sangue» (Bluteau, 1720: 470) e, ainda, o enfermeiro a quem, por ser um religioso, nas enfermarias (hospitais) estava confiada não só a assistência física como também o conforto espiritual dos pacientes.

Todas estas atividades devem entender-se no contexto de uma medicina pautada essencialmente pelos ensinamentos de médicos da Antiguidade e do período medieval (Dias, 2007: *passim*; Alves, 2014: *passim*): Hipócrates (circa a. C. 460-circa

377 a. C.), que explica as doenças como desequilíbrios entre os quatro humores existentes no organismo humano; Dioscórides (f. 40-70), cuja obra (*De materia medica*) legou um acervo informativo sobre as propriedades curativas de plantas, animais e minerais; Galeno (129 d.c-199), que foi a figura dominante na medicina medieval e influenciou a prática médica posterior, e, ainda, Avicena (980-1037), filósofo e médico persa que escreveu vários tratados sobre a «arte de curar», sendo por isso considerado o pai da medicina moderna. Até ao século XVIII, imperava ainda a doutrina hipocrática segundo a qual as doenças acometiam o corpo humano em virtude de um desequilíbrio entre os quatro «humores» —quente, frio, seco e húmido— relacionados com os quatro elementos do universo (fogo, água, terra e ar), o que explica a preocupação de alguns médicos em identificar a natureza dos medicamentos «simples», ou seja, os produtos que, «tal qual a natureza os criou» (Pita e Pereira, 2012: 249), tinham propriedades terapêuticas. É o que se observa, com efeito, na *Recopilação de Cirurgia* (61661[1601]), de António Cruz (fl. XVII), cirurgião do Rei e do Hospital Real de Todos os Santos, em cujo «Tratado Quinto» o autor indica quais, dentre aqueles, são quentes, frios, secos ou húmidos, e quais os graus destas «virtudes»⁴.

O exercício da medicina assentava então mais na adivinhação do que propriamente na observação do corpo humano e, por conseguinte, as práticas curativas envolviam animais, excrementos e outros produtos insólitos que são, aos olhos do leitor atual, estranhas, senão mesmo repugnantes, assemelhando-se mais às práticas de feitiçaria do que às de uma ciência, situação que, em Portugal, deve analisar-se à luz do espírito da Contra-Reforma que, para impedir a livre circulação de ideias, impunha a censura dos livros de qualquer matéria, entre eles os que, na área da medicina (Baudry, 2017), pusessem em causa não só os dogmas do catolicismo como também muitas crenças enraizadas na sociedade daquela época. Os tratados médicos publicados entre finais do século XVII e as primeiras décadas da centúria seguinte —por exemplo, a *Polyanthea medicinal* (1695) e as *Observações medicas doutrinaes* (1707), ambas de João Curvo Semedo (1635-1719)⁵— denotam que à herança da Antiguidade se haviam acrescentado, de facto, práticas medievais cuja longevidade se estende ao período barroco.

É de admitir que Fr. Santiago conhecesse as obras de Curvo Semedo, já que estas tiveram grande receção no século XVII e na centúria seguinte, e que talvez conhecesse igualmente o tratado intitulado *Luz da Medicina prática racional e metódica: guia de enfermeiros, directório de principiantes* (1753[1664]), de Francisco Morato Roma (1588-1668), médico de câmara do rei, que foi o primeiro a mencionar os enfermeiros no título de uma «arte médica» que teve várias reimpressões acrescentadas até 1753⁶. A *Luz da medicina* visava certamente uma abordagem integral do cuidado aos enfermos, abrangendo, pois, quer a prescrição de remédios e mezinhas, quer a farmacopeia (incluindo a posologia⁷), e, ainda, a administração daqueles aos enfermos, porquanto se destinava a auxiliar «Professores da Arte de Medicina, e Cirurgia, mas tambem para todo o Pay de familias; de q se poderão aproveitar pobres, e ricos na falta de Medico doutor», conforme consta do subtítulo da obra que nos

proporciona um retrato da situação dos cuidados de saúde no século XVII. É de realçar que, salvo estudos na área da história da medicina (Lemos, 1899), nenhuma das obras atrás mencionadas foi até agora analisada numa perspetiva lexicológica ou terminológica, e nenhuma delas integra os corpora do português (Finatto, 2018).

2. A *Postilla Religiosa*, e *Arte de Enfermeiros*

A *Postilla religiosa*, e *Arte de enfermeiros: guarnecida com eruditos conceitos de diversos authores, facundos, moraes, e escripturários* é uma obra com 300 páginas que se divide em três tratados, a saber: Tratado I (páginas 1 a 70), com cinco capítulos nos quais Fr. Diogo de Santiago expõe algumas «Advertências para a perfeição Religiosa do estado de Noviço até ao de Prelado Superior»; o Tratado II (pp. 72-172), o mais extenso, com 59 capítulos nos quais se descrevem os remédios e tratamentos a aplicar aos enfermos, incluindo cuidados higiénicos e de alimentação; o Tratado III (pp. 172-250), com sete capítulos que tratam do «modo para o enfermo examinar a sua consciencia, exhortações para a sua salvação, fôrma de fazer testamento, e para ajudar a bem morrer». De acordo com a norma naquele tempo, a obra averba as licenças emitidas pela Ordem, pelo Santo Ofício, pelo Ordinário e pelo Paço, sendo que esta última é assinada pelo doutor Cipriano de Pina Pestana, médico de câmara do rei e físico-mor do reino.

«[...] he obra muito agradável a quem a ler, e muito util para quem desejar assistir com caridade de bom Enfermeiro aos doentes; porque ensina os melhores termos, e circunstancias medicas para a tal assistencia, fundamento à caridade, e baze ao zelo espiritual, como legitimo Filho do mayor Pay da Hospitalidade e como contenha o tal livro, e ensine taõ necessaria doutrina para os miserandos afflictos, se faz digno da licença, que pede. V. Magestade mandará o que for servido. Lisboa Oriental 27. de Março de 1741. Doutor Cypriano de Pinna Pestana» (Santiago, 1741: *licenças*).

A concessão de licença pelo médico pessoal do rei e físico-mor do reino, que reconhece a utilidade da obra, deixava entrever um êxito que levasse à reimpressão da obra, o que não veio a acontecer, já que a *Postilla* apenas voltou a ser reeditada no nosso século, primeiro numa edição fac-similada (Sant-Iago, 2005), acompanhada de textos introdutórios (Graça, 2005; Gameiro, 2005), e, mais recentemente, em edição modernizada (Franco e Fiolhais, 2019), integrada na galeria de obras pioneiras nas áreas da medicina, farmácia e enfermagem. Aos olhos de hoje, é surpreendente que uma obra pioneira tenha permanecido esquecida durante tanto tempo; porém, essa é a condição a que foram votadas muitas obras relevantes não só para a história da ciência como também para a história da língua e, em especial, para a diacronia das linguagens especiais e terminologias científicas (Verdelho, 1998; Murakawa, 2005). Ressalvada a contribuição de Gameiro (2005), no âmbito da história da me-

dicina, tanto quanto se sabe, a *Postilla* nunca foi alvo de estudos de cariz linguístico, o que justifica, só por si, uma incursão na Parte II intitulada «Arte de Enfermeiros» (páginas 52 a 172), da qual se extraiu a amostra relativa a doenças e seus tratamentos que a seguir se analisa.

2.1. A *Arte de Enfermeiros* e a língua portuguesa

A *Arte de Enfermeiros* descreve não só as práticas a seguir pelos noviços (enfermeiros), no hospital de São João de Deus de Elvas, como também os tratamentos (remédios ou mezinhas) que, segundo a prescrição de um médico ou cirurgião, aqueles deviam ministrar aos doentes ali internados. É de notar que «doença» (lat. DOLENTIA) e «enfermidade» (Bluteau, 1713: 279-280) são palavras que, estando embora atestadas na língua desde o século XIII⁸ (Houaiss, 2001; Cunha, 1994: 275, 298; Machado Filho, 2013: 174⁹, 191), não ocorrem nesta «Arte», onde também o paciente (subst.) é invariavelmente referido como «enfermo»¹⁰, palavra igualmente documentada no século XIII (Machado, 1977; Cunha, 1994; Cunha, 2006). Na obra em apreço, esta é a única denominação para quem padece de uma doença ou achaque¹¹, não havendo, portanto, ocorrências da palavra «doente». Além de «enfermeiro», presente no título, também se regista «enfermaria», ambas atestadas, segundo a lexicografia, desde o século XIII (Machado, 1977: 402; Cunha, 1994: 298; Houaiss, 2001; Cunha, 2006).

Do mesmo modo, «remédio» é, na *Arte de Enfermeiros*, o nome que recebe qualquer forma de tratar doenças ou aliviar os seus sintomas (Murakawa, 2014; Domladovac-Silva, 2017), indistintamente do tipo de substância ou produto (vegetal, animal, mineral ou outro) que entre na sua composição. Documentada desde o século XIII, a forma popular «mezinha»¹² tem a mesma raiz etimológica de «medicina» (lat. *medicina*), sendo evidente, portanto, a relação semântica entre ambas as palavras. É de notar que a forma culta, que em português conheceu a aceção de «forma de tratamento, remédio», entretanto desusada, logo, um diacronismo, em espanhol conserva essa aceção¹³. Por sua vez, a palavra «medicamento», que consta da nomenclatura lexicográfica de Bento Pereira (1697), segundo Houaiss (2001), já estaria atestada desde 1692.

Equivalente de «anotação», «postila», por sua vez, tem atestação desde 1597 (Houaiss, 2001) que, no título da obra de Fr. Santiago, traduz a modéstia habitual inerente ao código retórico do século XVIII, a mesma que o faz considerar a obra um «ramillete» (Santiago, 1741: *Ao leitor*, v) escrito para facultar aos noviços «claras luzes em breves periodos». Na dedicatória a Fr. José de Jesus Maria, Fr. Santiago explica a motivação para entregar ao prelo os cadernos de manuscritos em que compilara instruções para uso próprio:

«V. P. Reverendissima foy fervido remediase eu a falta, que nesta Casa havia de Mestre de Noviços, em cuja occupação desejando que os meus discipulos ficassem com alguma utilidade no limitado do meu ensino, lhes ditey esta Postilla Religiosa, e pratiquey esta Arte de Enfermeiros para melhor Intelligencia na applicação dos remedios, em que consiste a vida dos enfermos, que

huma, e outra cousa dedica, e offerece o meu affecto nas Religiosas aras da protecção de V. P. Reverendissima, para que com o seu decoroso amparo tenhaõ algum luzimento as minhas sombras, que expolas à censura de imperfeitas, achará V. P. Reverendissima não he mais o meu empenho, que a perfeição Religiosa, e a acertada, e perfeita assistencia dos enfermos, de que Deos tanto se agrada» (Santiago, 1741: *Dedicatoria*, iii-iv).

Importa sublinhar que, naquele tempo, para se exercer como enfermeiro não era exigida a autorização do físico-mor ou do cirurgião-mor do Reino, conforme esclarece Graça (2005) —«contrariamente à medicina, à cirurgia e à farmácia, a enfermagem não constituía propriamente um ofício de arte aprovada»—, motivo por que a experiência acumulada por Fr. Santiago ao longo de quatro décadas de exercício era muiro útil para quantos nele se iniciavam. Com efeito, se a medicina era ensinada nas escolas médicas e era significativo o número de tratados dessa «arte», para o cuidado dos enfermos não havia ensino formal, pelo que as práticas inerentes ao ofício de enfermeiro (Santos, 2012) se adquiriam no contacto direto com os doentes, situação que justifica as palavras de Fr. Diogo de Santiago a respeito das enfermarias: «As nossas aulas são as enfermarias, onde os livros são os enfermos e quanto mais cheyas estão de volumes, mais cheyas estão de merecimentos» (Santiago, 1741: 271).

Escrita por um religioso que tinha a formação proporcionada pela Ordem Hospitaleira, a *Postilla* plasma a variedade linguística de um português das primeiras décadas do século XVIII, incluindo não só terminologias médicas e farmacopeicas (Verdelho, 1998: *passim*) como também formas antigas do léxico comum que, depois, vieram a ser substituídas por outras, motivo por que esta obra, ademais de ser uma fonte interessante para o estudo de uma linguagem de especialidade (Baudet, 1988; Verdelho, 1998) ou *tecnolecto* em Setecentos, também o é para o do léxico geral usado naquele período. Entre os muitos exemplos extraídos da *Arte de Enfermeiros*, salientem-se os seguintes: *Embigo* é forma antiga, atestada desde o século XIII (Cunha, 1994: 802¹⁴; Houaiss, 2001) que, na chamada língua comum, vale dizer na língua estandarizada, acabou por ser substituída por *umbigo*. Ora, de acordo com os dados do Corpus Lexicográfico do Português, a primeira está dicionarizada desde Jerónimo Cardoso (1562, 1569-70), ao passo que a segunda entra na nomenclatura a partir de 1697 (na *Prosódia* de Bento Pereira). Com a variante *embigo*, atualmente marcada como forma popular ou regional, concorria, pelo menos desde o século XVI, a variante *umbigo*, mais alatinada, que ocorre em textos científicos, como os *Colóquios dos Simples, e drogas e cousas medicinais da Índia* (1563), de Garcia de Orta, ou a *Luz da Medicina* (Roma, 1753[1664]). É nesta última que se ampara Bluteau (1713: 34; 1721: 545) quando atenta nesta variação, considerando que o «primeiro [umbigo] parece mais próprio pela analogia, que tem com Umbilicus, que em Latim significa o mesmo. Porém o uso he por Embigo». Diferente é o caso de *estomago*¹⁵, palavra culta, que é a única forma a integrar a variedade linguística plasmada na obra do Pe. Santiago («boca do estômago», «untura do estomago», «reparo ao estomago» «dei-

tar-lhe huma ventosa no estomago», Santiago, 1741: 90, 92, 93, 126), conquanto *estamago*, variante popular, documentada desde o século XIV (Cunha, 1994: 332), ainda então ocorresse. Não menos interessante é o caso de *esperdiçar* (Santiago, 1741: 128), variante de *desperdiçar*, que está atestada desde 1561 (Houaiss, 1561), sendo que este verbo, por sua vez, tem registo desde 1517. Refira-se, por último, a palavra *lançol* (der. de *lenço*), única forma usada por Fr. Santiago para denominar a peça retangular de tecido que se põe na cama. Tem atestação, no mínimo, desde o século XV (Houaiss, 2001); porém, no uso atual, tem estatuto de variante popular de *lençol*, forma que está documentada desde o século XIV. No entanto, da nomenclatura de Bluteau (1716: 36), lexicógrafo que compilou inúmeras variantes lexicais, consta apenas *lançol*, sem qualquer remissão para *lençol*.

Ainda no que diz respeito à língua corrente do século XVIII, presente na *Arte de Enfermeiros*, note-se que *venta* (**ventana* ‘lugar por onde passa vento’, pelo arc. *ventãa* ou *ventaã*), atestada na língua pelo menos desde o século XIV (Machado, 1977: 384; Cunha, 1994: 81516), era a única denominação anatómica para a abertura do nariz ou para este; mais recente, a palavra *narina* terá entrado na nomenclatura lexicográfica do português em 1873 (Cunha, 1994: 544; Houaiss, 2001).

3. Léxico relativo a doenças e remédios

À entrada do doente na enfermaria, uma das primeiras tarefas do enfermeiro é apurar se aquele «tinha obrado», condição necessária ao tratamento com «sangria», evitando atraso na intervenção do médico:

«Depois que o enfermo estiver na cama, lhe procuray se tem obrado bem no dia antecedente e se o não tiver feito, lhe mandareis lançar huma ajuda commua, para que quando vier o Medico não haja dilação na sangria; e se não fallar, procuray a quem o trouxer se tem feito esta diligencia, e que dias ha, que está enfermo, examinando os remedios, que lhe fizeraõ, para dares ao Medico a informação de tudo» (Santiago, 1741: 74-75).

Uma das primeiras intervenções do enfermeiro é, pois, a *ajuda*, nome de «uma injeção de água ou líquido medicamentoso no reto» ou *clister*¹⁷ (Houaiss, 2001), palavra marcada em Houaiss (2001) como «diacronismo». As *ajudas* eram de vários tipos («ajudas de varias castas como se fazem»), cuja receita e preparação o Pe. Santiago descreve (1741:113). Assim, a «ajuda lavativa» consistia num «quartilho de cozimento de cevada, ou caldo de galinha simples, assucar mascavado, gema de ovo, de forma, que va tibia, para que melhor a conserve o tempo, que for necessario», podendo ser lançadas —lançar é o verbo que designa a aplicação do clister— a toda a hora, de dia ou de noite (Santiago, 1741: 113). As chamadas «ajudas commuas» compunham-se de

«cozimento de cevada, ameixas passadas, malvas, e violetas, cujo cozimento ha de minguar a terça parte, quando



Descanso

se fizer; e em hum quartilho delle se lançará assucar, e sal, quanto baste, duas onças de azeite comum; e lançada, a conservará quanto puder» (Santiago, 1741: 113-114).

Neste caso, a administração deve ser feita da seguinte maneira:

«O tempo mais conveniente de lançar essas ajudas, he pela manhã, estando o enfermo em jejum, ou cinco horas depois de ter comido; e fóra desse tempo não são convenientes, excepto se houver algum caso, em que seja necessário. Se o enfermo houver de ser sangrado, seja meya hora depois de lançar fóra a ajuda; e por nenhum caso se lancem ajudas aos enfermos no principio de cezaõ, ou crescimento, que lhe fará grande dano» (Santiago, 1741: 114).

Ajuda lavativa e lavático (Luz, 1661[1601]; Semedo 1707: 554; Bluteau, 1716: 53; Vieira, 1873: 1272); Houaiss, 2001) eram ter-

mos equivalentes, sendo que ambos são marcados por Bluteau como termos de Medicina.

A *ajuda* para «os duros de ventre» consiste, por sua vez, em administrar «azeite comum, ourina fresca, bocado de formento, juripiga» (Santiago, 1741: 114); outra *ajuda* «muito boa» consiste em que «Em hum quartilho de ourina fresca se desfaça hum bocado de formento com azeite, e juripiga, quanto baste, he muy boa» (Santiago, 1741: 114). Outras *ajudas* mencionadas por Fr. Santiago na *Arte de Enfermeiros* são a «composta», a «temperante», a «emoliente» e «adstringente», cuja composição é a seguinte: «Ajuda composta»: «A composta se faz com o cozimento da commua, ajuntando-lhe meya onça de juripiga, ou diacatalicão, azeite, e sal, quanto baste» (Santiago, 115 :1741).

O *cozimento* referido na receita acima remete para o «estado de um alimento ou de uma substância, um material etc. que passou pelo processo de cozimento; cozedura»; por sua vez, *juripiga* é variante da palavra de *jeropiga* (Bluteau, 1713: 40; Houaiss, 2001), vale dizer, «bebida preparada com mosto, aguardente e açúcar» (Houaiss, 2001) e o *diacatalicão*, variante de *diacato-*

licão (Bluteau, 1713: 201), é termo farmacopáico de um medicamento do grupo dos chamados *electuários*, isto é, para «uso interno constituído de pós finos, xarope, mel ou resinas líquidas, empregado especialmente como calmante e purgativo» (Houaiss, 2001).

«Ajuda temperante – A temperante se faz com o mesmo cozimento sem sal, e com azeite violado em lugar do commum; e algumas vezes se faz com polpa de canafistola, ou com diacatalicão». Termo de farmacopeia, *temperante* qualifica um medicamento «capaz de moderar a atividade circulatória» (Houaiss, 2001), feito à base de azeite extraído de «violas» (i.e. violetas) ou de outras substâncias, como a canafistula (Bluteau, 1712: 90) ou o já mencionado catalicão.

«Ajuda emolliente – A emolliente se faz com o mesmo cozimento sem sal, e em lugar de azeite, manteiga de porco, ou de vaca. Em todas estas ajudas he regra geral, que acabando o enfermo de recebellas, se volte de barriga para baixo, até que a ajuda o precise a levantar-se» (Santiago, 1741: 115).

Ao contrário das anteriores, que costumavam ser preparadas pelo enfermeiro, a ajuda adstringente devia ser pedida a uma botica.

«Ajuda adstringente – As ajudas adstringentes, e outras muitas costumaõ os Médicos mandar fazer na botica. Vindo o cozimento feito, se lançará somente a quantidade de meyo quartilho, recomendando ao enfermo, que a sustenha todo o tempo, que puder, para cujo effeito se lançará tibia, para que não irrite ao enfermo» (Santiago, 1741: 115-116).

Ora, como se observa acima, a receita destes remédios contempla medidas vulgarizadas na época (Barros, 2017), como o *quartilho* e a *onça* (e *meia onça*), sendo que na sua preparação entravam ingredientes de várias naturezas, como plantas (malvas, violetas, canafistula), frutos (ameixas), cereais (cevada), produtos de origem animal em estado natural ou sujeitos a cocção (gema de ovo, galinha, porco, vaca), e outros produtos (sal, açúcar, azeite).

Alguns remédios e mezinhas incluíam ingredientes de origem animal – a manteiga de porco ou de vaca, por exemplo – mas também os animais mortos – «pombos, ou cachorros» (Santiago, 1741: 81) – eram usados em práticas curativas da época, sendo esventrados junto à cama do paciente, sobre cuja cabeça, durante as denominadas «emborçações», prática corrente entre os médicos daquele tempo – veja-se Semedo (1707: 160) –, colocavam o sangue e as vísceras daqueles, conforme descreve o autor da *Arte de Enfermeiros*:

«Pombos, ou cachorros como se haõ de applicar. Depois de tosquiada toda a cabeça do enfermo, e posto hum lenço ao redor della na fôrma referida no Capitulo acima das emborçações, tirareis ao pombo as pennas do lombo, e junto da cama do enfermo se abrirá pelo mesmo sitio

com faca bem amolada, e o poreis no mesmo instante com sangue, e tripas na cabeça do enfermo, de fôrma, que fiquem debaixo as quatro commissuras. O mesmo se fará com o cachorro; e hum, e outro não ha de ser grande, mas de hum mez, pouco mais, ou menos» (Santiago, 1741: 81).

Consistia a referida «emborcação» (Santiago, 1741: 79) no «ato ou efeito de banhar com medicamento líquido a parte doente de um corpo» (Houaiss, 2001), sendo que esse termo, por extensão metonímica, referia igualmente o próprio líquido usado nesse banho.

«Emborcação como se faz. Cortareis ao enfermo todo o cabelo da cabeça à ponta da tisoura, o mais rente, que puder ser. Para melhor lhe applicares o remedio, lhe mudareis a cabeceira para os pés, pondo-lhe ao redor da cabeça hum lenço torcido, e bem apertado, em fôrma de capella, para que o cozimento não corra pelo rosto do enfermo, o qual mandareis pôr de costas; com a cabeça fóra da cama. Estando já desta fôrma, tendo debaixo huma bacia, lhe hireis lançando o cozimento muy devagar por hum jarro de bico, com moderada quentura, tornando a encher o jarro do mesmo, que cahir na bacia. Durará esta applicação em quanto durar o calor no cozimento, o qual ha de cahir no meyo da cabeça do enfermo, e da altura de dous palmos. Acabada esta applicação, se não esfregue a cabeça do enfermo, nem em quanto se lhe faz, que seria augmentar-lhe a queixa; só sim se lhe ha de enxugar a cabeça brandamente, e tirando-lhe o lenço, se lhe porá hum toucador» (Santiago, 1741: 79-80).

Nesta descrição, além dos termos relacionados com a prática da *emborcação*, ocorrem nomes e verbos, então correntes na língua comum, como *tosquiar*, que hoje corresponde ao ato de cortar o pelo a certos animais, não se aplicando habitualmente a humanos; *cozimento* (i.e. «o ato ou processo de cozer ou cozedura»), nome deverbal construído com o sufixo *-mento*; *quentura* («estado do que é quente; calor; alta temperatura», Houaiss, 2001), exemplo de um processo derivacional com o sufixo nominal *-ura* (Correia, 2004: 325-328; Rio-Torto *et al.*, 2013: 131), que permite precisamente construir nomes sufixados (Rio-Torto *et al.*, 2013: 131) que expressam qualidade ou estado (Correia, 2004: 325), e que, pese embora ser produtivo no português antigo (por ex. *tristura*, *friura*, etc.), depois cedeu perante outras formas de nominalização (*tristeza*, *frialdade*), ainda que algumas daquelas formações tenham persistido (*abertura*, *fartura*) (Correia, 2004: 326; Villalva e Silvestre, 2013: 107; Rio-Torto *et al.* 130); *toucador*, nome de uma «espécie de touca ou lenço com que, ao deitar, se compõe e prende o cabelo» (Bluteau, 1721: 223; Houaiss, 2001).

À prática da *emborcação* podia ainda seguir-se, desde que o médico a prescrevesse, uma *untura* —o ato ou processo de untar com alguma substância— para alívio do enfermo, nome que constitui mais um exemplo da já mencionada nominalização com *-ura*.

«Se o Medico mandar fazer alguma untura, seja tibia, e se fará depois que a cabeça estiver enxuta; e feita a untura, se lhe porá hum papel pardo, e em sima o toucador; advertindo, que se o tempo for frio, se fechem as janellas em quanto se fazem estes remedios» (Santiago, 1741: 80).

Com efeito, a aplicação de unguentos, como tratamento externo (cutâneo) era também indicada para tratar ou aliviar os sintomas de vários achaques, entre eles a insônia, para cujo tratamento se recorria a *amendoadas*, *dormideiras* e *unguento populeão* (Santiago, 1741: 82-83). Termo da farmacopeia, este último ocorre em tratados médicos pelo menos desde 1668 (Houaiss, 2001), sendo a denominação de um unguento que se obtinha, segundo Bluteau (1720: 608), principalmente a partir dos «olhos, ou gomos do Alemo negro, que sahem na Primavera, e tem bom cheyro», composição corroborada por Vieira (1878: 844).

«Untura de unguento Populiaõ para os enfermos, que não podem dormir, lha fareis nas fontes da cabeça, em cujas partes pulsa a vea arteria: na testa, no nariz pela parte interior, e em todos estes sitios fareis a untura com hum só dedo muy brandamente, atè que se encorpore o unguento. Muitas vezes se untaõ as palmas das mãos, e plantas dos pés com a mesma brandura. O tempo de fazer esta untura, he quando o enfermo quizer dormir: se for de dia, se fará meya hora depois de jantar e sendo de noite, se ha de fazer entre as dez, e as onze, que he a hora mais própria» (Santiago, 1741: 83).

Para o mesmo efeito, aplicavam-se igualmente xaropes, em particular o que se extraía da *dormideira*, planta com propriedades terapêuticas cujo nome tem registo lexicográfico desde 1562 (Cardoso, 1562), e as *amendoadas*, nome da bebida sedativa que se fazia com a emulsão de amêndoas esmagadas, água e açúcar. Para evitar que estes remédios fossem contraproducentes, além da receita Fr. Santiago indicava igualmente o horário e as condições da sua administração aos enfermos:

«Os xaropes de dormideiras, e amendoadas se haõ de dar quatro horas depois de ceiar o enfermo que sendo antes, lhe não fará nenhum proveito. Estes remedios se mandaõ applicar ao enfermo para dormir; e não tendo esta falta, se lhe não devem fazer» (Santiago, 1741: 83).

As amendoadas também eram recomendadas para outros achaques, servindo tanto de refresco como de fortificante, caso em que, à receita básica – amêndoas, água e açúcar –, se acrescentava uma gema de ovo. O Pe. Santiago descreve a preparação com todo o detalhe, desde a quantidade de amêndoa até ao modo de executar a receita, para que o remédio surtisse o efeito desejado, consoante se lê abaixo:

«De duas fórmãs se fazem as amendoadas: humas mandãõ dar os Medicos para somente refrescar ao enfermo e outras por causa de fraqueza para o alimentar. A que

se dá por fraqueza, se pôde fazer nesta fôrma: Duas onças de amêndoas pilladas, muito bem pizadas, para que larguem a substancia, e desfeitas em agoa, que baste, se ha de coar por hum pano delgado, e se porá ao fogo brando de sorte que levante fervura, mechendo-se sempre com colher. Se o enfermo tiver vomitos, se lhe dará fria; quando não, se lhe dará quente, lançando-lhe assucar, e huma gema de ovo, tudo bem incorporado fóra do lume» (Santiago, 1741: 152-153).

No entanto, quando a amendoada se destinava a «refrescar» (i.e. diminuir a sensação de desconforto ou sofrimento, aliviar) o enfermo, além de uma quantidade menor de amêndoas, acrescentavam-se *pevides* (i.e. «sementes de plantas da família das cucurbitáceas», Houaiss, 2001) de melão e abóbora, ou, ainda, xarope de dormideiras, havendo porém o cuidado de o incorporar após a fervura, fora do lume.

«A que o Medico applica para refrescar, se fará desta fôrma: Onça e meya de pevides de melaõ, e abobora, e meya onça de amendoas pilladas, tudo bem pizado, e desfeito em agoa, que baste, e coado como está dito, se porá ao fogo brando atè que pareça que quer levantar fervura, mechendo-se sempre, (e não ferva, porque se não corte) se lhe deitará o assucar em quanto estiver ao lume e se levar xarope de dormideiras, se lhe lançará fóra do lume bem incorporado» (Santiago, 1741: 153).

Qualquer destes dois remédios só devia ser administrado aos enfermos quatro horas após o jantar (*ceia*).

Para os achaques oculares (conjuntivite ou simples alívio dos olhos), nas enfermarias usa-se o *colírio*, palavra atestada pelo menos desde 1563 (Houaiss, 2001), ou a *camoeza*, nome de uma variedade de maçã (Vieira, 1873: 67), sendo que tanto um como a outra deviam ser aplicados com o enfermo de costas e de olhos abertos: no primeiro caso, deitavam-se «dentro delles trez, ou quatro gotas de collyrio tépido e se for de Inverno, seja morno, e se applicará de duas em duas horas», e no segundo, apenas por indicação do médico, a *camoeza* devia ser «assada, e aparada, e pouco quente, subjugada com hum lenço, ou atadura para não cahir» (Santiago, 1741: 83).

Os *fluxos de sangue*, designação corrente que então se dava às hemorragias, termo que, contudo, já ocorre em algumas obras médicas, como se observa no *Portugal médico* (Abreu, 1726; Houaiss, 2001), são objeto de grande cuidado por parte do enfermeiro, motivo por que Fr. Santiago se detém na descrição dos *remédios* a dar aos doentes que, na ausência de um *cirurgião*, delas padecessem. Contudo, a administração desses remédios devia atender, antes de mais, à condição do paciente (gordo ou fraco): se o enfermo fosse obeso e, além disso, «não estiver evacuado por sangrias, comer, e dormir bem, e o fluxo de sangue não for demasiadamente grande» poderia passar sem tratamento, se, pelo contrário, «o enfermo for fraco, não dormir, e estiver evacuado», o enfermeiro deveria fazer-lhe alguns remédios, mas apenas «depois de ter lançado quase huma tigela de sangue, sendo pelo nariz» (Santiago, 1741: 84).

O remédio —se assim se pode chamar— consistia em atirar com a violência possível um púcaro de água ao rosto do enfermo, sem que este antes se apercebesse, prática que deveria repetir-se três ou quatro vezes; porém, se o fluxo não estancasse, tentar-se-ia então outro remédio que consistia em mandar «meter os testículos em agoa bem fria, ou pannos molhados nelles varias vezes repetidos».

Para o mesmo efeito, além dos anteriores aplicavam-se *ligaduras* nos braços e nas pernas e, continuando o fluxo, em função a narina (*venta*) pela qual este ocorresse, assim passaria o enfermeiro a aplicar as *ventosas*: havendo fluxo pela direita, lançava «huma ventosa grande em sima do figado, o qual está hum dedo por baixo das costellas mendozas da parte direita»; pela «venta esquerda», lançaria a «ventosa em sima do baço, o qual está da parte esquerda, hum dedo por baixo das mesmas costellas.» (Santiago, 1740: 85). Termo anatómico da época, as *costelas mendozas* —denominação que provém de *mendoso* que significa, segundo Bluteau (1716: 420), «falta, ou defeito corporal» — são, segundo este lexicógrafo, cuja fonte é a *Recopilaçam cirurgica* (Cruz, 61661[1601]: 31), as «cinco costelas mais baixas de cada banda, as quaes chegaõ até os ossos do meyo do peito, mas como se a natureza só tomara o trabalho de as principiar, ficaõ imperfeitas, & acabaõ em humas cartilagens, com que se conglutinaõ».

Para estancar a hemorragia nasal, Fr. Santiago recorre a outro remédio em cuja composição entram produtos que, por incluírem gesso e teias de aranha, causam repugnância ao leitor atual. Na farmacopeia do século XVIII, os *pós* extraídos de várias substâncias eram um ingrediente frequente na posologia de vários remédios, sendo que os *pós* mais comuns e usados nas oficinas farmacêuticas da época eram os seguintes, entre eles os *pós restrictivos*:

«pós de murtinhos, & pós de rosas, para estancar o sangue, & para misturar com a trementina nos emplastos¹⁸, pós restrictivos, para comer a carne sobeja nas feridas, & para encourar pós de pedra hume¹⁹ queimada; para ajudar a encourar, & também para estancar sangue pós de incenso, de myrrha, de Azevre²⁰, sarcocola²¹, & de sangue de drago²², misturados com bolo Armenio; para recourar a chaga de túnica do olho, pós de pedra Hematitis preparada; para alimpar as chagas çujas pós de João de Vigo» (Bluteau, 1720: 555-556).

Extraído do *Vocabulario Portuguez, e Latino* (artigo *pó*) de Bluteau, o trecho acima ilustra bem não só a terminologia médica e farmacopeica da época como também a linguagem corrente. Veja-se o verbo *encourar* que remete para o processo de «criar cicatriz(es) ou cicatrizar-se» (Houaiss, 2001) e a expressão *túnica*, nome de uma das três membranas do olho. Mas ali se encontram compilados nomes de remédios e ingredientes mencionados na *Arte de Enfermeiros*, com destaque para aqueles de que adiante se tratará: *emplastos*, *pós restrictivos*, *pedra hume*, *pós de incenso*, *sangue de drago* e *bolo Armenio*. É claro que o *Vocabulario* de Bluteau reflete a terminologia usada em tratados médicos como os de Cruz (61661[1601]) e Roma (1753[1664])

e obras farmacopeicas, sendo de salientar que a primeira deste género, escrita em português, por um boticário português (Dias, 2007; Pita e Pereira, 2012) —D. Caetano de Santo António— foi impressa em 1704: *Pharmacopeia Lusitana reformada, methodo pratico de preparar medicamentos na forma Galénica, e Chimica* (Santo António, 1721[1704]). É, pois, possível que Fr. Diogo de Santiago conhecesse esta obra, na qual se encontra a posologia dos *pós restrictivos* obtidos a partir de *almecega*, *incenso*, *mirra*, *murtinhos*, *casca de romã*, *maçãs de cipreste*, *raiz de tormentilha*, *pedra hematista*, *bolo armenio* (Santo António, 1721[1704]): 349).

Usados pelo autor da *Postilla Religiosa, e Arte de Enfermeiros*, os *pós restrictivos*, termo de farmacopeia para denomina algumas substâncias que, reduzidas a pó, têm propriedades restringentes de que resulta o aperto de «uma parte frouxa» (Vieira, 1874: 263) ou fortalecimento e união de «partes relaxadas» (Houaiss, 2001). Atente-se na receita de Fr. Santiago:

«duas claras de ovos com duas onças de pós restrictivos, e meya onça de gesso, com algumas teias de aranha; e depois de bem batido tudo isto, de fórma, que fique em cataplasma, nem grossa, nem delgada, mas de boa subsistencia, lha poreis na testa, e fontes em humas planxetas de estopas finas, e das mesmas fareis humas mechas, que molhadas na mesma cataplasma, metereis pela venta, ou ventas, donde sahir o sangue, recomendando ao enfermo lhe não bula, nem se disponha a tussir» (Santiago, 1741: 86).

A *planxeta*, variante de *prancheta*, era uma «espécie de gaze usada em feridas» (Houaiss, 2001), produzida, neste caso, com fios de linho (*estopas finas*), sendo que esta palavra está atestada pelo menos desde 1601, data da *Recopilação de Cirurgia*, de António da Cruz. Por sua vez, a *mecha*, que é termo médico, atestado em obras desse âmbito desde 1665, denomina «fios torcidos e tesos para se embeberem em feridas pequenas» (Vieira, 1873: 174) ou «fita de gaze que se coloca em uma ferida para impedir que a cicatrização se faça da superfície para o interior, ou para facilitar a drenagem de líquidos patológicos» (Houaiss, 2001). Difere do *lexino* (Santiago, 1740: 86; Bluteau, 1716: 380, *lichino*), termo de cirurgia, também usado por Fr. Santiago como denominação de uns «fios feitos em mecha, que se metem nas feridas, para não cerrarem logo», porque, ao invés deste, a mecha é torcida (Vieira, 1873: 1311).

Para estancar a hemorragia pela boca ou hemoptise («expectoração de sangue proveniente dos pulmões, traquéia e brônquios, mais comumente observável na tuberculose pulmonar», Houaiss, 2001), o enfermeiro recorria ao tratamento com *ventosas*, nome do instrumento cirúrgico com formato cónico (Bluteau, 1721: 408), «geralmente de vidro ou metal, que se aplica sobre a pele para produzir hemospasia» (Houaiss, 2001), administrando-se a seguir outros remédios orais, em concreto, o *xarope de rosas* no qual se misturavam pós de *terra sigilada*, obtidos de uma substância argilosa, antigamente originária do Egito, e que tinha propriedades adstringentes (Vieira, 1874: 520), de *bolo arménio*, isto é, pós extraídos de uma varie-

dade de argila (Vieira, 1871: 558) que, no passado, era utilizada como medicamento de uso interno, com função adstringente, e externo, como absorvente» (Houaiss, 2001) e de coral²³:

«lhe lançareis as ventosas na fôrma já referida; e não parando, dareis ao enfermo de quarto a quarto de hora huma colher de xarope de rosas secas, ajuntandolhe pós de terra sigillada, e bolo armenio, e alguns de coral preparado; e aos que lançaõ sangue pelos narizes, se lhe pôde dar este mesmo remedio» (Santiago, 1741: 125).

No tocante à hemorragia causada por feridas, o enfermeiro deveria intervir para tentar estancar o fluxo antes mesmo de o cirurgião atender o enfermo, aplicando um tratamento que consistia em ensopar mechas adequadas (*lichinos*) numa mistura de claras de ovos, com pós de bolo arménio, de rosas e de sangue de Drago e, ainda, alguns pós de incenso, conforme descrição abaixo:

«Se o fluxo de sangue for em ferida, que tenha algum enfermo, antevendo a dilação, que pode haver em vir o Cirurgião, fareis com grande diligencia lexinos de estopas, e ao mesmo tempo mandareis bater claras de ovos, com pós de bolo armenio, de rosas, e de sangue de Drago, meya onça de cada cousa, e alguns pós de incenso, e depois de estar tudo bem batido, molhareis hum lexino, e com elle tapareis a vea, e ò apertareis com o dedo mostrador, e lhe hireis pondo os mais lexinos molhados na cataplasma, apertando-os sempre, e em sima lhe poreis humas planxetas, molhadas no mesmo, e apertareis a ferida muito bem com huma atadura» (Santiago, 1741: 86-87).

Caso este tratamento não surtisse efeito, o enfermeiro administraria outro, cuja composição se assemelha, aos olhos de hoje, a uma prática de feitiçaria ou a uma receita de culinária (Barros, 2017), consoante se observa no trecho respetivo:

«carregareis a ferida com pós de pedra hume queimada, com teas de aranha, e em sima huma estopada de claras de ovos. Tambem são boas as raspas de Cortidores, e pós de alecrim; e depois de lhe fazeres todos estes remedios, lhe poreis panos de vinagre aguado bem frio em sima da ferida» (Santiago, 1741: 87).

Afora as variedades anteriormente mencionadas, também do alúmen (queimado) e do alecrim se extraíam pós que entravam na composição deste remédio, de cuja receita constavam igualmente *raspas de Cortidores*, isto é, as sobras da raspadura de curtumes. Por sua vez, a *estopada*, que era palavra antiga, atestada pelo menos desde o século XIV (Houaiss, 2001), denominava uma «estopa embebida em qualquer líquido ou medicamento, usada em ferimentos, lesões, etc.» (Houaiss, 2001), sendo que, neste caso, a estopa era molhada em claras de ovos.

Como se viu atrás, para estancar as hemorragias aplicavam-se ventosas que podiam ser de dois tipos —*secas* e *sarjadas*

(Santiago, 1741: 157)—, ambos descritos pelo autor da *Postilla religiosa*, e *Arte de Enfermeiros* que, pese embora aquele tratamento ser da esfera do cirurgião ou barbeiro, ainda assim considerava vantajoso que o enfermeiro o soubesse praticar, quando o enfermo dele precisasse e o barbeiro não pudesse acorrer. A este propósito, veja-se a recomendação de Fr. Santiago:

«Inda que não seja obrigação dos Enfermeiros lançar ventosas secas, ou sarjadas, será bom que saibaõ esta doutrina, não só para verem se os Barbeiros fazem a sua obrigação bem feita, mas porque muitas vezes os nossos Enfermeiros querem lançar principalmente as ventosas secas naquella hora, que he mais conveniente ao enfermo, em a qual he dificultoso que o Barbeiro esteja prompto» (Santiago, 1741: 157).

Ora, é precisamente a experiência de Fr. Santiago nas enfermarias, onde não raro tinha de suprir o barbeiro, que o impele a descrever as condições em que os enfermeiros poderiam aplicar «ventosas», sublinhando, porém, que a aplicação destas deveria obedecer sempre ao critério do médico.

«Nunca o Enfermeiro deve lançar, ou mandar lançar ventosas secas aos enfermos, sem parecer do Medico; porque costumaõ não as mandar lançar, sem primeiro estar o enfermo evacuado de sangrias; que estando o corpo por evacuar, em lugar de proveito causaõ muito grave dano ao enfermo; de cuja pratica pôde ficar advertido, para que se o fizer, seja depois de evacuado o enfermo» (Santiago, 1741: 161).

Por ser um dos tratamentos mais delicados, vale a pena atentar na longa descrição da aplicação quer das *ventosas secas*, quer das *sarjadas*, a seguir transcrita, e que mostra todo o procedimento em causa, ilustrando a relação entre o enfermeiro, além de exemplificar a linguagem inerente à prática do enfermeiro.

«Para se lançarem bem as ventosas secas, estaraõ promptas boas estopas secas, e sem arestas, tendo juntamente promptas todas as que o Medico mandar lançar, as quaes se haõ de preparar com as estopas necessarias, nem poucas, nem muitas. He de advertir, que se levaõ muitas estopas, o fogo abraza a parte, em que se lançaõ, e fica denegrada; por cuja razaõ, quando essas denegradas se sarjaõ, por mais que as profundem, deitaõ muito pouco sangue.

»Se as ventosas levaõ poucas estopas, não fazem a attracção, que o Medico pertende, cujo defeito se conhece quando a carne fica branca; e assim para que aproveitem, naõ haõ de levar nem muitas, nem poucas estopas, salvo se for em algum accidente de apoplexia, que entaõ he necessario que vaõ mais carregadas, mas de fôrma, que não queime o enfermo, o que fica na prudencia de quem as lançar.

»Se o enfermo for fraco, ou rapaz, sejaõ as ventosas

pequenas, e de boca estreita, as quaes se não haõ de lançar muito juntas, que assim he a fôrma mais conveniente» (Santiago, 1741: 158).

Além das secas, o enfermeiro também podia *lançar* as *ventosas sarjadas*, isto é, aquelas que se aplicavam com uma pequena incisão na pele, consoante explicava Fr. Santiago:

«As que se houverem de sarjar, estaraõ pegadas pouco mais de hum Credo; porque se estaõ pegadas muito tempo, fazem grande apreensão, coalha o sangue, e tapa os poros, de que resulta não fazerem bom effeito. Estas ventosas sarjadas se haõ de executar com lanceta bem amolada, e ligeiramente em trez ternos, de forma, que não digaõ huns com outros, e profundados o que baste; porque ha muitos Barbeiros, que só arranhaõ o cutis, e desta fôrma não se podem alcançar as veyas capillares; razão, por que não sahe sangue, nem ventilaõ, como querem os Médicos; e para melhor ventilar, não se haõ de untar com cebo, porque impede sahir o humor, que he o fim para que os Medicos as mandaõ sarjar» (Santiago, 1741: 158-159).

O autor da *Postilla religiosa, e Arte de Enfermeiros* baseia-se na sua experiência nas enfermarias, embora invoque, em certos casos, a doutrina de «graves médicos», porém sem os nomear:

«Se ao Medico lhe esquecer advertir, quando mandar lançar as ventosas, se as haõ de principiar a lançar de sima para baixo, ou debaixo para sima, digo, que conforme a doutrina de graves Medicos, que em o principio de dor de cabeça, e frenesi²⁴, antes de confirmado, se haõ de lançar as ventosas debaixo para sima, principiando nas barrigas das pernas até à nuca, salvo quando o Medico mandar sêjao de meyo corpo para baixo; e sempre se ha de principiar da parte já dita. No caso que se hajaõ de sarjar algumas, haõ de ser as das barrigas das pernas, ou nas pontas das nadegas, que he o que commummente se costuma praticar» (Santiago, 1741: 160).

Outro tratamento usual na época era *lançar sanguessugas*, ou seja, «anelídeos da classe dos hirudíneos, marinhos, terrestres ou de água doce, geralmente sugadores de sangue de vertebrados» (Houaiss, 2001), cuja denominação popular remonta ao século XIV. Na obra de Fr. Santiago, ocorre a variante *sanguixuga*, conforme se pode ver abaixo, registada por Bluteau (1720: 474) junto com outras formas —*sanguexuga*, *sanguisuga*, *sanguesuga*— que não foram, no entanto, as únicas que aquela palavra conheceu, pois na *Luz da medicina* (Roma, 1753[1664]:128, 427) ocorre *sanguizugas*, sendo que Houaiss (2001) também recolhe *sambixuga*, *sanguichuga* e *sanguexupa*, a última das quais resulta claramente da etimologia popular.

«Para se lançarem as sanguixugas no intestino recto, se lavará primeiro a parte com agoa quente, e tendo cabello, se lhe rapará muy bem com a navalha. Advertirá o

Enfermeiro ao Barbeiro as que o Medico determinou se lançassem. O enfermo se porá de lado, que he a melhor fôrma de estar sem se affligir. Junto da cama estará huma bacia com agoa salgada, para se deitarem as que forem cahindo, que nesta agoa soltaõ logo o sangue, e morrem» (Santiago, 1741: 162).

Quando, por indicação médica, ao enfermo têm de ser aplicados vários remédios e tratamentos, o enfermeiro deve conhecer a ordem pela qual devem estes ser feitos, sob pena de serem prejudiciais à saúde do enfermo, motivo por que Fr. Santiago adverte os aprendizes do ofício a esse respeito e lhes indica quer a sequência dos tratamentos, quer o intervalo de tempo entre um e outro:

«Acontece muitas vezes ordenar o Medico muitos remedios juntos v.g. sangria, cordial, ajuda, untura, defensivo²⁵, e comer cedo. Será bom advertir qual destes remedios se ha de fazer primeiro para que resulte o bom fim, para que sê applicaõ, que he a saude do enfermo; e o Enfermeiro faça bem a sua obrigação. Ainda que em algumas enfermidades costumaõ variar os remedios, fazendo-se hum primeiro que outro, por serem as enfermidades graves, direy o que he mais ordinario, e commum.

»Quando o Medico determinar ao enfermo sangria, ajuda, cordial, untura, defensivo, e comer cedo, se deve principiar pela ajuda, e passada meya hora depois de se levantar de obrar, se sangue, e logo se lhe dará o cordial, e acabado de o tomar, sê lhe applicará o defensivo, logo a untura, e passada outra meya hora, se lhe dará de comer ao enfermo.

»Se acaso houver motivo mais urgente, v. g. esquinencia, pleuriz, ou outra queixa, que promptamente necessite de sangria, ou haja receyo de lhe entrar logo o crescimento, ou terçã, se lhe fará primeiro a sangria ao enfermo; e passada meya hora, se lhe lançará a ajuda, e depois de ter obrado com ella, sê lhe dará o cordial, logo se lhe fará a untura, e se lhe applicará o defensivo e passada meya hora, se lhe dará de comer» (Santiago, 1741: 118-120).

No trecho acima ocorrem três termos médicos da época —*esquinência*, *pleuriz* e *terçã*— que merecem comentário: o primeiro, com atestação desde o século XV (Houaiss, 2001), é a antiga denominação da *angina*, doença que afeta a garganta e se integra, pois, na atual área da otorrinolaringologia; *pleuriz* está documentada pelo menos desde 1679 (Houaiss, 2001) e equivale à atual *pleurisia*; *terçã*, nome dado a uma febre intermitente que acomete o enfermo de «dous dias em hum, & procede de cólera» (Bluteau, 55 :1713), que antigamente também se chamava *sezão*, era, no entanto, o nome que se dava a vários tipos de febre. Bluteau (1713: 55) refere ainda a «Febre terçã dobre» que «dura dous dias consecutivos, & procede de cólera, que apodreceo em dous lugares fora dos vasos mayores» e a «febre quartaã, a que vem de quatro em quatro dias». A *terçã perniciosa*, tratada por Gonçalo Rodrigues de Cabreira no tra-

tado que foi acrescentado à *Luz da medicina* (1753[1664]), de Morato Roma, e a *febre quartã*, ainda hoje assim referidas em documentos da Direção Geral de Saúde, são sintoma do *paludismo* ou *malária*²⁶ (Botta, 2013: 225), sendo de notar que, em português, este último termo terá entrado na nomenclatura lexicográfica a partir de 1899 (Figueiredo, 1899: 78; Houaiss, 2001), no dicionário que regista *paludismo* e *impaludismo* como equivalentes.

Para tratar as febres, também se recorria à *purga*, nome que se dava à administração de um remédio laxante, com atestação desde o século XIII e registo lexicográfico em 1569-1570.

«Deve ter muito grande cuidado o Enfermeiro, quando houver de dar a purga ao enfermo, perguntandolhe primeiro a que hora lhe costuma vir o crescimento, ou cezaõ, para o advertir ao Medico, e elle determine a hora, em que o enfermo ha de tomar a purga, porque nisso resulta a mayor parte da saude do enfermo. Não obstante esta advertencia, saiba o Enfermeiro, que sempre as purgas se dão na declinação do crescimento, ou sejaõ dobres, ou não sejaõ. Se a purga se der ao enfermo no principio do crescimento, ou cezaõ, lhe pôde resultar gravissimo dano. Sempre que o enfermo tome a purga, ha de estar em jejum e porque ha casos, em que a mandaõ dar de tarde, he preciso tenhaõ passado quatro, ou sinco horas depois de ter comido. Também he muito conveniente perguntar ao enfermo se tem feito curso²⁷ no dia antecedente; e se o não tiver feito, he preciso lançar lhe huma ajuda, para que a purga faça melhor o seu effeito. Para o Enfermeiro se livrar deste cuidado no dia da purga, pôde lançar huma ajuda ao enfermo na tarde antecedente, se não tiver obrado» (Santiago, 1741: 123-124).

Entre as mezinhas purgativas, são de referir a *pirola purgante* (Santiago, 1741: 129-130) e a *rezina de japala* (Santiago, 1741: 129). A primeira era um remédio em «forma de bolinha ou confeito para ser engolido inteiro geralmente com auxílio de água» (Houaiss, 2001), correspondente a *pílula*, palavra que Bluteau (1720: 530) incluía na sua nomenclatura, sendo que tanto aquela como esta estão atestadas no século XIV. Chamando a atenção para a variação desta palavra, aponta algumas variantes —*píloro*, *pirola*, *pirula*, *pílula* (Bluteau, 1720: 507)—, mas, em nome da etimologia, dá a preferência à última.

A segunda, por sua vez, era a resina obtida da *jalapa*, nome de diversas plantas cujos tubérculos são usados como remédio purgativo, e que, de acordo com Houaiss (2001), em português estará atestado desde 1677 (Houais, 2001).

«Rezina de Jalapa, ou outra qualquer quimica, como se ha de dar. A Rezina de jalapa mandaõ alguns Médicos dar em doce, ou gema de ovo; porem o mais facil, e mais conveniente, he lançalla na boca do enfermo, dando-lhe humas gotas de agoa fria para a levar para baixo. Nesta purga não costuma haver ancias; mas se o enfermo não obrar passadas quatro horas, he conveniente se facilite com huma ajuda commua se depois de ter obrado com

ella, se lhe dará a beber agoa fria. Se o Medico receitar outra qualquer quimica, lhe perguntareis a fórma de a dar, que succede carecer de circunstancia para fazer bom effeito» (Santiago, 1741: 129-130).

Com a mesma finalidade purgativa usava-se igualmente o *cordial*²⁸ (Santiago, 1741: 121-122), termo de farmacopeia que então denominava o medicamento que ativava a circulação sanguínea, restaurava forças e robustecia o enfermo, mas que também servia para purgar. Bluteau (1720: 829) refere vários tipos de purgas —«purga branda, purga forçada, purga electiva, purga minorante, purga revulsiva, purga erradicativa»— algumas delas mencionadas na *Luz da medicina* (1753[1664]: 103-105). Conforme sugerem as palavras de Fr. Santiago (Santiago, 1741: 125), o preparado purgativo era desagrável, sendo por isso conveniente que o enfermo o bebesse em recipiente que não o mostrasse: «Estando a purga preparada, mandareis sentar o enfermo em sima da cama, com as costas arrimadas na almofada, para que a cabeça lhe fique alta e dando a purga a beber ao enfermo, seja por **hum copo de vidro escuro**, ou por **hum pucaro de barro**» (Santiago, 125 :1741).

Para tratar os enfermos de sífilis²⁹, os então chamados *galicados*, já que o nome corrente da doença era *morbo gálico* (derivado de *Gália*)³⁰, o remédio consistia em «unturas de unguento de azougue» (Santiago, 1741: 163). Em 1642, Duarte Madeira Arrais, físico do rei, publicou o *Methodo de conhecer e tratar o morbo gálico*, obra em que indica os remédios applicados, ademais do azougue, no tratamento desse mal: salsa-parrilha, guaiacão, pau-santo, raiz da China. Palavra de origem árabe documentada pelo menos desde o século XIV (Houaiss, 2001), *azougue* era a denominação do *mercurial*, uma erva da família das euforbiáceas. Ao tratamento com azougue dedicou Francisco da Fonseca Henriques (1708) um dos seus tratados médicos e dele também se ocupou Curvo Semedo (1707) nas suas *Observaçoes medicas* (1707: 251, 253), considerando-o um bom remédio para o *vólculo* (i.e., *torção*) dos intestinos.

Para coadjuvar as unturas, segundo Fr. Santiago, o enfermeiro deve administrar ao enfermo «agoa de salsa parrilha», sendo que esta, para ficar boa:

«se lançará em huma quarta nova sinco canadas de agoa, meya onça de salsa, fendida pelo meyo, e atada, e cozerá até minguar huma canada; e apartando-lhe para fóra, se guardará a salsa, pondo-se ao ar e para outro cozimento de agoa, se fará na mesma fórma, guardando a meya onça de salsa ao ar, como a antecedente, para que com huma, e outra se faça o terceiro cozimento de agoa, que as duas meyas onças já cozidas fazem o mesmo effeito, e tem a mesma virtude, que cada huma de per si, mas não servem para outra vez; e assim se hirão fazendo os mais cozimentos de agoa na fórma referida, em quanto curar o regimento. Advirta-se ao enfermo se não lave com outra agoa, nem faça a barba, e se retire do ar da noite, e da madrugada, que hum, e outro he muito nocivo para o regimento» (Santiago, 1741: 169).

Na *Arte de Enfermeiros*, também se explica como fazer *sua-douros*, vale dizer, como provocar suores para alívio de certos achaques, tratamento que era dado pela manhã em jejum e antes do qual o enfermo, sem camisa, ficava apenas com o lençol (*lançol*), colocando-lhe o enfermeiro uma toalha na cabeça para ensopar o suor e administrar-lhe:

«meyo quartilho de agoa de salsa mais forte, que a que se costuma beber, e esta será quente quanto o enfermo puder tolerar; e sem demora se lhe ha de pôr a estufa, sobre a qual se deitará hum lançol, e bastantes mantas, para que possa sustentar o calor do brazeiro, que se lhe ha de pôr aos pés com fogo fuave, naquella taboa dedicada para esse effeito. As brazas sejaò de lenha, e não muitas, para que o enfermo não afronte.

»O tempo, que houver de durar o suor, sera determinado pelo Cirurgião; porque a huns enfermos he preciso sustentarlho hora e meya, e a outros só huma hora; conforme a fraqueza, ou necessidade do enfermo; e assim mesmo determinará o numero dos suores, que se lhe ha de dar, advertindo, que nunca se desampare o enfermo, porque lhe póde sobrevir algum desmayo, ou afrontamento, e se lhe hirá limpando o suor em quanto elle durar» (Santiago, 1741: 170-171).

Para fortalecer os doentes de tuberculose —os *tísicos*—, o enfermeiro deveria preparar a chamada *taluina* e administrá-la ao doente em jejum (Santiago, 1741: 154). A *taluina*, que era palavra de origem árabe, denominava realidades muito diferentes no campo da alimentação (Maíllo Salgado, 1998: 122-123), ou seja, uma espécie de papa feita com leite extraído de grão, cereal e mel ou açúcar que, no castelhano medieval —(*a*)*talvina* ou (*a*)*taluina*— está documentado em 1330-1343 (Maíllo Salgado, 1998: 122). Segundo Fr. Santiago, a receita era a seguinte:

«As taluinas se fazem nesta fórmula: Dous punhados de farellos de trigo, mettidos em hum pano, o qual se metterà nove vezes em a agoa, que for bastante, e em todas se mecherá muito bem com as mãos dentro da mesma agoa, e se espremerá todas as nove vezes dentro della, e logo se porá a cozer em fogo brando, mechendo-se sempre até que engrosse, e lançando-lhe assucar, quanto baste, se dará ao enfermo quente, ou como o Medico determinar. Essas taluinas se costumaò dar pela manhã em jejum aos enfermos tísicos, e saò muy proveitosas» (Santiago, 1741: 154),

Por outro lado, entre as beberagens que, na *Arte de Enfermeiros*, são indicadas quer como «veículo de certos medicamentos», quer como «restauradores» (Houaiss, 2001) das forças dos enfermos, mencione-se a *tizana* (Santiago, 1741: 154), nome dado ao «cozimento de cereais, especialmente cevada, ou ervas, geralmente de virtudes medicinais, não raro adoçado com açúcar» (Houaiss, 2001), cujo processo de elaboração era o seguinte:

«Estando huma panella nova ao fogo com agoa fer-

vendo, se lhe lançará a cevada, que baste, e apartando-a logo para fora, se tepará com hum testo, e pano, de forma, que não vapore; e em esfriando, se pillará a cevada, a qual se tornará a lançar na panella, para que ferva até que se desfaça, e se coará, e espremerá de fórmula, que fique como amendoada, e com assucar se dará quente ao enfermo, ou fria, se o Medico o determinar; que a huns enfermos se applicaõ para dormir, e a estes se lhes daõ à noite, e a outros pela manhã para refrescar. Advirta o Enfermeiro, que a tizana com casca he diferente; porque a cevada com casca he quente, e seca; e sem casca, fria, e humida» (Santiago, 1741: 154).

Ainda entre as bebidas, refira-se o leite, alimento que era considerado um fortificante para os enfermos «éticos, tísicos e empiemáticos» (Santiago, 1741: 156), sendo que se deveria levar o animal até ao enfermo de maneira a que este o bebesse com a «quentura natural» e não esfriasse ou se estragasse. É de realçar que então se considerava que o leite benéfico era «o de mulher; e se for preta, melhor: logo o de burras, depois deste o de cabras negras, ou ruivas, logo o de vacas, e o de ovelhas não havendo outro». O enfermeiro devia perguntar ao médico se ao leite se juntava açúcar; ao enfermo, por sua vez, deveria perguntar se o leite lhe assentava mal no estômago ou «se nelle se lhe azeda, causando-lhe azia, para o suspender com o parecer do Medico». Tal como a água e o leite, o vinho também entrava na preparação de certos tratamentos, mas não necessariamente como bebida, uma vez que podia ter aplicação externa, quando um «lançol molhado em vinho» era um tratamento.

Até aqui foram mencionados remédios e mezinhas para aplicação externa (cutâneos, como as unturas ou as esfregações) ou ingestão (bebíveis ou comestíveis, como os xaropes, os caldos de galinha); porém, havia remédios cuja administração, sendo igualmente oral, requeria que o enfermo os lambesse. Era o caso do chamado *lambedor*, palavra antiga que consta da nomenclatura lexicográfica desde Cardoso (1569-1570).

«Lambedor se deve dar de fórmula, que não chegue ao estomago, e de quarto a quarto de hora. Sendo de Veraò, sera frio; e de Inverno, quente. Para se tomar com facilidade, e que possa aproveitar ao enfermo, lhe poreis ao enfermo junto da cama o vaso, que tiver o lambedor, com huma raiz de alcaçus machocada na ponta, e chupando nella de quarto a quarto de hora, lhe fará proveito. Sendo de Inverno, lhe poreis junto da cama hum brazeiro com pouco lume, para que se possa conservar quente, recomendando ao enfermo não tome mais vezes» (Santiago, 1741: 132).

Afora as anteriormente referidas, eram usuais unturas específicas em várias partes do corpo —mãos, pés, pernas, por exemplo— como a do *espinhaço*, à qual Fr. Santiago dedica um capítulo da *Arte de Enfermeiros*, e que, ao contrário de outras, não se praticavam diretamente com os dedos, mas com recurso a uma *gadelha de lâ* (i.e. uns fios de lâ), a lâ cardada, a pano e a papel pardo, e bem assim a produtos vegetais (folha de era,

alface, parra). Note-se que a forma atual —*guedelha*— integra a nomenclatura lexicográfica desde 1562, se bem que esta forma estaria já documentada, segundo Cunha (2004: 399), no século XIV, autor que regista *gadelha*. Porém, a inclusão de *gadelha* na nomenclatura dos dicionários portugueses acontecerá só no século XVII.

«Untura do espinhaço, e sua situação. O Espinhaço começa desde a nuca até ao osso sacro, que está mais abaixo dos rins, e tem dous dedos e meyo de largo. Aos éticos he a quem commumente se faz esta untura; a qual se ha de fazer com gadelha de lã, e não com os dedos, mas brandamente, e tempo bastante, para que se incorpore; e como he refrigerante, deve ser tépida, em sima da qual lhe poreis algumas folhas de era, alface, ou parra. Se a queixa do enfermo for de perlezia³¹, aqueitareis sempre a untura, seja de Veraõ, ou de Inverno, e fareis com que a untura se incorpore bem. Primeiro que façais esta untura, lavares a parte com agoa ardente morna; e depois de feita a untura, lhe poreis papel pardo, lã cardada, ou pano para conservar o remedio» (Santiago, 1741: 100-101).

Fr. Santiago descreve igualmente a *untura dos rins* e a *untura da bexiga* (Santiago, 1741: 174-175), assim como várias outras que faziam parte do tratamento para diversos achaques.

Ainda no tocante a tratamentos de aplicação externa, merecem destaque as chamadas *esfregações* (Santiago, 1741: 105-106), que variavam em função da enfermidade e da parte do corpo afetada, podendo ser *brandas*, *rijas* ou *mediocres*, e eram feitas com as mãos untadas de azeite.

«A esfregação branda se costuma fazer com as mãos brandamente, e algumas vezes untadas de azeite. A esfregação rija se faz também com a mão untada de azeite, ou pano grosso untado no mesmo, e com bastante força. A esfregação mediocre se faz com a mão untada de fôrma, que nem branda, nem aspera; e todas se devem fazer por tempo de meyo quarto de hora.

»Se a esfregação for rija, se fará melhor com hum pano grosseiro molhado em azeite; e se for com as mãos, se esfregará de fôrma, que pareça sahe fogo pelas palmas. Estas esfregações se costumaõ fazer aos enfermos de apoplexia, e outras enfermidades semelhantes» (Santiago, 1741: 105-106).

Em casos de envenenamento, sob indicação médica, o enfermeiro administrava ao enfermo a chamada pedra *bazar*, variante de *bezoar* (Houaiss, 2001), nome de uma antiga preparação farmacêutica, considerada antídoto para envenenamento e feita a partir da pedra calcária do mesmo nome, que era extraída do estômago de certos animais.

«Se o Medico mandar dar ao enfermo pedra bazar, enchereis huma colher de caldo de galinha, ou de agoa cordial, cuja colher será de prata, ou de outro metal, e nella lançareis a pedra em pó, a quantidade de hum, ou

dous grãos de comer, ou a quantidade, que o Medico determinar; e se for possível, não chegue aos dentes do enfermo, quando a tomar; e logo lhe dareis huma gota de caldo, ou de agoa cordial, para que leve toda para baixo» (Santiago, 1741: 123).

Para aplacar cólicas de estômago causadas por uma paragem digestiva ou por alimentos, havia vários *vomitórios*, vale dizer, *eméticos* que, por provocarem o vômito, aliviavam o enfermo do conteúdo estomacal, aplicando-se a seguir alguns remédios. Assim, os vomitórios vão da água até a excremento de rato em vinho branco, passando pela erva-doce cozida em água, conforme pode ler-se a seguir. Fr. Santiago indica três:

«Vomitorio primeiro. Primeiramente lhe dareis agoa tibia somente, que estando inclinado a vomitar, he o que basta para o effeito» (Santiago, 1741: 116).

«Vomitorio segundo. Agoa cozida com erva doce, bebida quente, também he muy provocativa.

»Vomitorio terceiro. Excremento de ratos em pó, bebido em vinho branco, he muy singular remedio, e provocativo a vomitar» (Santiago, 1741: 117).

Para orientar a prática do enfermeiro, convinha indicar não só a composição e a posologia das mezinhas, os procedimentos e o horário da administração de remédios e tratamentos, mas também apontar os utensílios a serem utilizados para se obter o efeito desejado. Assim, no caso dos vomitórios, o enfermeiro deveria saber qual o tipo de colher ou de objeto adequado à natureza do preparado, por forma a que este surtisse o efeito desejado.

«Costumaõ muitos dar os vomitorios em caldo de galinha, ou em agoa, lançados em huma **colher**: se esta for **de páo**, lhe ficará muita parte pegada; e como este remedio se receita por grãos, não tomando todos o enfermo, não pôde ser o effeito todo aquelle, que o Medico pertende que elle obre. Dando-se o vomitorio em **colher de metal**, menos mal he; porém o mais util, e facil para quem os toma, e para quem os dá, he lançar os pós na boca do enfermo com o mesmo **papel**, em que estão embrulhados, e dar-lhe logo humas bochechas de agoa fria, enxagoando a boca e levando a mesma agoa para baixo, duas, ou trez vezes, se não esperdiça nem hum só graõ» (Santiago, 1741: 127-128).

Alguns dos remédios para a dor de estômago (Santiago, 1741: 117-118) incluíam a diluição em vinho quer de pó de *calumba*³² ou *abuta*³³, quer de um produto de origem animal —*fel de galo*—, como se observa nos dois primeiros indicados pelo autor da *Arte de Enfermeiros*. Para o mesmo achaque também se podia aplicar uma ventosa ou aquecer a região abdominal, como comprovam os remédios três e quatro.

«Remedio primeiro. Calumba, ou abuta em pó, quanto caiba em sima de trez vinténs, bebida em vinho.

»Remedio segundo. Fel de gallo, bebido em vinho, he muy singular remedio.

»Remedio terceiro. Huma ventosa no embigo, mas pouco tempo, que he melhor repetilla mais vezes, do que estar muito tempo pegado.

»Remedio quarto. Hum taleigo³⁴ de milho quente em sima da dor também he bom.

»Remedio quinto. Metter os pés em agoa bem quente, quanto o enfermo possa soffrer, tempo bastante.

»Remedio sexto. Muitas vezes succede proceder a colica de calor: estas se curaõ pondo panos de agoa fria no estomago do enfermo, em que logo sente alivio; e se o não sentir, se não deve continuar. Não aproveitando todos estes remedios, virá o Medico para receitar outros mais efficazes, e purgar como he costume» (Santiago, 1741: 117-118).

Como medida de higiene corporal ou como tratamento para algun achaques, os banhos do enfermos —gerais, de *semicúpio*, (i.e. dos joelhos para baixo) ou de outras parte do corpo—, sob determinação do médico, também eram da responsabilidade do enfermeiro, e bem assim as horas do dia em que se deveria realizar o banho, a sua duração e a posição do enfermo (sentado ou deitado), cabendo àquele não só ampará-lo como preparar as águas e cozimentos adequados à doença e à parte do corpo que se devia banhar.

«Banhos como se devem fazer. Sendo os banhos muitos, e de diferentes agoas, e cozimentos, e em diferentes partes do corpo, porque huns são geraes, outros particulares, he preciso advertir alguma cousa em geral, para que com perfeição se applicuem, ainda que se não póde permeditar o genero de enfermidade, que se poderá offerrecer. Se o banho for geral em todo o corpo, e for de cozimento de ervas, de agoa fria, ou quente, procurareis ter instrumento, aonde possa o enfermo estar de sorte, que o banho o cubra todo, ou até à parte, onde o Medico mandar» (Santiago, 1741: 103).

Por último, como não é possível apresentar e analisar aqui, de modo exaustivo, todos os termos e expressões relativas a enfermidades, aos remédios e à sua composição, à posologia, aos utensílios usados na preparação, aos produtos alimentares e muitos outros, que foram sistematicamente extraídos da *Arte de Enfermeiros* de Fr. Diogo de Santiago, exemplificar-se-ão, para finalizar, três que dizem respeito ao tratamento dos *puxos* e à prisão de ventre. *Puxos* e *tenesmo* eram os nomes com que antigamente se conhecia o «espasmo doloroso do esfíncter anal ou vesical com desejo urgente de defecar ou urinar, e com eliminação de quantidade mínima de fezes ou urina» (Houaiss, 2001), termos médicos que constavam da *Luz da medicina* (Roma, 1753[1664]: 109). O tratamento consistia em submeter o enfermo ao vapor (defumação) de um cozimento preparado para esse efeito, sendo que a aplicação se realizava no *serviço*, vale dizer, no vaso sanitário.

«Defumadouros como se fazem aos enfermos, que tem puxos, e por outro nome Tenesmo. E se os defumadouros forem de cozimento, virá este fervendo em huma panella, que caiba dentro de hum serviço limpo; e mettida dentro, se porá o enfermo em sima delle, cuberto com huma capa, e estará sentado até que esfrie; e não se lançará o cozimento no serviço, por evitar o esfriar logo. Se os defumadouros não forem de cozimento, no mesmo serviço limpo se porá no fundo hum testo com brazas, e nellas se lançará o que houver de fazer fumo, estando já o enfermo em pé para se sentar no mesmo instante, e se não levantará até que o fumo se não consuma, guardando a fôrma de estar bem arroupado» (Santiago, 1741: 109).

Finalmente, para os «duros de ventre», vale dizer, os enfermos que tinham prisão de ventre (Santiago, 1741: 114), o Pe. Santiago recomendava que se lhes desse uma *ajuda* de «azeite comum com algum sal» ou que se desfizesse um «bocado de formento com azeite, e juripiga, quanto baste» num «quartilho de ourina fresca».

Como corolário à *Arte* do seu ofício, Fr. Diogo de Santiago deixa uma reflexão que sintetiza a missão do enfermeiro religioso, a quem apenas cabe aplicar os remédios, pois compete ao médico ou cirurgião indicar quais são adequados ao achaque de cada enfermo e qual o modo de preparação, considerando, no entanto, que do acerto entre ambos depende a vida do paciente:

«Reflexão. Neste, e em todos os mais remédios, que contém esta Arte de Enfermeiros, não vay expressada mais que a fôrma de se applicarem, que he o que pertence ao Enfermeiro; o qual para acertar, deve além do referido conferir com o Medico, e Cirurgião a fôrma da execução delles porque ainda que esta Arte de Enfermeiros está revista por Médicos doutos, e Cirurgiões peritos, como são diversas as opiniões, deve o Enfermeiro seguir a do Medico, com que visita os enfermos; mas isto no caso que a experiencia lhe não mostre he menos conveniente o que o Medico determina, e deve com elle conferir o mais acertado; porque ha Rabulas, que melhor que hum Letrado endireitaõ huma causa; e como desta pende a vida, e saude dos enfermo, deve o Enfermeiro procurar seja tudo com acerto por credito da occupaõ; e obrando assim, se livrará dos escrupulos de consciencia, em que esta assistencia tanto anda annexa, pelo voto solemne da Hospitalidade, que todos os Religiosos de S. João de Deos fazemos» (Santiago, 1741: 172).

4. Em jeito conclusão

Com este trabalho, pretendeu-se ilustrar a linguagem de um enfermeiro que exerceu o ofício nas primeiras décadas do século XVIII. Deveras singular, a *Postilla religiosa, e Arte de Enfermeiros*, do Padre Fr. Diogo de Santiago, por um lado, espelha a especificidade da terminologia médica e farmacopeica daquele tempo e, por outro, dá testemunho do chamado léxico comum,



consoante se observou a respeito de várias palavras e expressões usadas pelo enfermeiro, quer nos vários trechos ilustrativos das suas práticas. Embora esta incursão na *Arte de Enfermeiros* (Parte II da obra) não esgote os vários aspetos que mereceriam um estudo mais aprofundado, ter-se-á mostrado, ainda assim, a importância da obra de Fr. Santiago como fonte para a história das linguagens de especialidade, mas também como fonte de informação linguística, tanto mais que este género de obras não integra os corpora históricos do português.

Notas

1. As fontes lexicográficas apontam datações diferentes: século XV (Machado, 1977: 391; Cunha, 1994: 98; Cunha, 2006), século XIV (Houaiss, 2001).
2. Tem atestação desde 1209 (Machado 1977: 152; Cunha 1994: 703; Houaiss, 2001). Na lexicografia, regista-o Cardoso (1569-70) e Barbosa (1611: 969), autores que também incluem o verbo *sangrar*.
3. Na memória lexicográfica, a palavra *sangria* está registada desde Cardoso (1569-70).
4. Por exemplo, à luz desta classificação, a «abobora. he fria. & humida no segundo grao» (Cruz, 1661: 263), «agraço. he frio no segundo, & seco no terceiro» (Cruz, 1661: 264), «alcaçuz. he quente & humido temperadamente» (Cruz, 1661: 265).
5. Nascido na vila de Monforte, Alentejo, foi médico da família real e notabilizou-se devido à invenção de vários remédios. A sua obra teve receção em Espanha, consoante atestam os tratados de Francisco Suárez de Ribera, impressos em Madrid: *Ilustracion, y publicacion de los diez y siete secretos del Doctor Juan Cuervo Semmedo: confirmadas sus virtudes con maravillosas observaciones* (1732) y *Manifestacion de cien secretos del Doctor Juan Curvo Semmedo experimentados, é ilustrados por el doctor Rivera* (1736).
6. Também é de admitir que Fr. Santiago conhecesse as obras do não menos prolífico Francisco da Fonseca Henriques (1665-1731), médico que deu à estampa várias obras (Hen-

- riques, 1708, 1710, 1715, 1721, 1726), tanto em latim como em português, algumas delas com reimpressões. Em 1726, o mesmo ano de um dos tratados de Henriques, sai o *Portugal Medico, ou Monarchia medico-lusitana* (1726), de Brás Luís de Abreu (1692-1756), sinal de que o exercício da medicina e dos cuidados de saúde demandavam este género de obras, necessidade à qual o mercado editorial procurava responder.
7. No «Livro Sexto» indica a composição (*receita*) de medicamentos então usados (Roma, 1753[1664]: 113-114) e no «Compendio de muitos, e varios remedios de Cirurgia» (Roma, 1753[1664]: 357-407) apresenta um rol de remédios para vários achaques.
 8. As fontes lexicográficas apontam também o século XIV (Machado, 1977: 352; Cunha, 2006).
 9. Tanto para esta unidade lexical como para *doente*, Machado Filho (2013) fornece abonação do século XIV.
 10. Vejam-se duas ocorrências da página 76: «Os remedios, que applicares aos enfermos, sejaõ só pela vossa maõ, e a tempo», «Nunca deis remedio bebido sem primeiro ser mechido, e agoa ao enfermo para lavar a boca, por evitar o perjuizo de o lançar fora», «Naõ deis de comer ao enfermo sem terem passado duas horas depois de ter tomado algum medicamento». E outras três, se encontram na página 81: «Depois de tosquiada toda a cabeça do enfermo», «junto da cama do enfermo», «poreis no mesmo instante com sangue, e tripas na cabeça do enfermo» (Santiago, 1741: 76, 81).
 11. Palavra de origem árabe, está documentada pelo menos desde o século XIV (Machado, 1977: 71; Houaiss, 2001).
 12. Tem registo lexicográfico em Barbosa (1611: 732): «mezinha. Medicina [...]. Medicamentum [...]». Na mesma obra (Barbosa, 1611: 717) também se encontra «Medicinal cousa. Medicinalis [...]. Herba medicinalis», sendo que *medicina* denomina apenas a *ars medica*.
 13. De acordo com os dados do *Corpus del Nuevo Diccionario Histórico del Español* (RAE, CDH, on-line), esta aceção está documentada desde 1200.
 14. Cunha (1994: 802) regista as variantes gráficas *ynbiigo* e *embijgo*, ambas atestadas no século XIV.
 15. De acordo com Houaiss (2001) está atestada desde o século XV.
 16. Segundo Cunha (2006), a primeira atestação seria do século XV.
 17. *Clistel* é a forma usada na Luz da medicina (Roma, 1753 [1664]: 103).
 18. Segundo Bluteau (1713: 64), al como *emprasto*, é uma variante de *emplastro* que, como denominação de um «medicamento de uso externo que, sob a ação de calor suave, amolece levemente, aderindo à pele», está atestada desde o século XIV.
 19. Era o nome corrente do *alúmen* (Vieira, 1871: 342), isto é, os «sulfatos duplos de alumínio e metais alcalinos, com propriedades adstringentes, usados na fabricação de corantes, papel, porcelana, purificação de água, clarificação de açúcar, etc.» (Houaiss, 2001).
 20. Variante antiga de *azebre*, palavra de origem árabe que denomina o aloé (Vieira, 1871: 692).
 21. Nome de uma «goma extraída da sarcocoleira (*Penaea sarcocolla*), com sabor de alcaçuz e usos medicinais» (Houaiss, 2001).
 22. Segundo Bluteau (1720: 474): «He hũa especie de goma, que por incisaõ destila em licor, & logo em se levantãdo o sol, se endurece, & se congela em hũas pequenas lagrimas friáveis, & vermelhas como sangue. O sangue de Drago com estas qualidades he o melhor dos tres, que se vendem nas boticas». Tem propriedades «anti-hemorragicas, anti-diarreicas e antiblenorrágicas» (Houaiss, 2001).
 23. Eram três os tipos de coral usados na preparação de remédios: vermelho, branco e negro (Vieira, 1872: 513).
 24. Era o nome do estado de «delírio violento provocado por afecção cerebral aguda» (Houaiss, 2001).
 25. Segundo Bluteau (17--: 36), era termo médico que designava o «remédio que applicado na parte alta do membro, prohihe, que não acuda o humor à parte lesa.»
 26. O médico italiano Giovanni Maria Lancisi, em 1717, relacionou esta febre com a picada de um mosquito (Botta, 2013: 225).
 27. Era o nome dado à diarreia (Houaiss, 2001).
 28. Em Bluteau (1712: 547), que não alude a quaisquer efeitos purgativos, é o nome de um remedio para o coração.
 29. O termo deriva do nome do herói (Syphillus) de um poema escrito por Girolamo Fracastoro (1483-1553), médico, poeta e astrónomo veronês. O personagem foi castigado com a doença. Na nomenclatura lexicográfica terá entrado em 1844 (Houaiss, 2001).
 30. Esta origem explica que a doença também fosse conhecida como *mal francês*.
 31. É a inflamação da pleura ou *pleuriz*, termo médico que Bluteau (1720: 550) regista. São os nomes antigos da *pleurisia*.
 32. Nome de uma *liana* com a qual se «prepara um tônico de propriedades estomáquicas, antidisentéricas e sudoríficas» (Houaiss, 2001).
 33. Denominação de plantas da família das menispermáceas, cultivadas algumas pelos usos medicinais.
 34. Denominação de um «pequeno saco estreito e comprido, usado antigamente como medida padrão de dois alqueires» (Houaiss, 2001).

Referências bibliográficas

- Abreu, Brás Luís de (1726): *Portugal medico, ou monarchia medico-lusitana*. Coimbra: Officina de Joam Antunes.
- Abreu, Laurinda (2010): «A organização e regulação das profissões médicas no Portugal Moderno: entre as orientações da Coroa e os interesses privados», em Adelino Cardoso, António Oliveira e Manuel Marques (coord.): *Arte médica e imagem do corpo: de Hipócrates ao final do século XVIII*. Lisboa: Biblioteca Nacional, pp. 97-122.
- Alves, Manuel Valente (2014): *História da medicina em Portugal: origens, ligações e contextos*. Porto: Porto Editora.
- Barbosa, Agostinho (1611): *Dictionarium lusitanicolatinum in*

- iuxta seriem alphabeticam* [...]. Bracharae: Typis, & expensis Fructuosi Laurentij de Basto.
- Barros, Anabela Leal de (2017): *Remédios vários e receitas aprovadas: segredos vários*. Coimbra: Coimbra University Press. <<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1282-9>>.
- Baudet, J. C. (1988): «Histoire du vocabulaire de spécialité, outil de travail pour l'historien des sciences et des techniques», em *Terminologie diachronique. Actes du Colloque*. Bruxelles: CILF, pp. 56-67.
- Baudry, Hervé (2017): *Livro médico e censura na primeira modernidade em Portugal*. Lisboa: CHAM ebooks, Estudos, 1. <https://research.unl.pt/ws/files/4231008/CHAM_eBooks_E1_Livro_m_dico.pdf> [consulta: 30.VII.2020].
- Bluteau, Rafael (1712-1721): *Vocabulario portuguez, e latino* [...], autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes e latinos e offerecido a el Rey de Portugal D. João V. Tomos I (A), II (B-C), 1712; III (D-E), IV (F-J), 1713; V (K-N), 1716; VI (O-P), VII (Q-A), 1720; VIII (T-Z), 1721. Tomos I-IV, Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus; Tomos V-VIII. Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva.
- Botta, Mariana G. (2013): «Estudo lexical dos nomes de sintomas e de doenças nos séculos XVII e XVIII: comparação entre o português e o francês», *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 42 (1): jan-abr., 216-229. <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/42/EL-42_vol1_216_229_MG_Botta.pdf> [consulta: 23.V.2020].
- Cardoso, Jerónimo (1569-70): *Dictionarium latinolusitanicum & vice versa lusitanicolatinum cum adagiorum fere omnium iuxta seriem alphabeticam perutili expositione*. Coimbra: João de Barreira.
- Correia, Margarita (2004): *Denominação e construção de palavras*. Lisboa: Colibri.
- Costa, A. M. Amorim da (1988): «Da farmácia galénica à farmácia química no Portugal setecentista», *Química - Boletim da Sociedade Portuguesa de Química*, 31 (Série 11): 23-28. <<http://www.spq.pt/magazines/BSPQ/556/articulo/3000378/pdf>> [consulta: 08.V.2020].
- Corpus Lexicográfico do Português (Diciweb)*. Universidade de Aveiro/Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. <<http://clp.dlc.ua.pt/DICIweb/default.asp?url=Home>> [consulta: 24.VI.2020].
- Cruz, António (1661[11601]): *Recopilaçam de cirurgia*, 6.ª impressão acrescentada. Lisboa: Na Oficina de Henrique Valente de Oliveira.
- Cunha, António Geraldo da (1994): *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*, 2.ª ed., 6.ª reimpr. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Cunha, António Geraldo da (2006): *Vocabulário histórico-etimológico do português medieval*. Rio de Janeiro: Fundação Casa Ruy Barbosa. CDRom.
- Dias, José Pedro Sousa (2007): *Droguistas, boticários e segredistas. Ciência e sociedade na produção de medicamentos na Lisboa de Setecentos*. Lisboa: FCG/FCT.
- Domladovac-Silva, Carolina (2017): *O léxico das enfermidades na obra Erário Mineral (1735), de Luís Gomes Ferreira*. Te-se de Mestrado. Araraquara: UNESP. <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/151109/domladovac_silva_c_me_arafcl.pdf?sequence=3&isAllowed=y> [consulta: 19.V.2020].
- Figueiredo, Cândido de (1899): *Nôvo dicionário da língua portuguesa*, 2 vols. Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão.
- Figueiredo, Cândido de (1913): *Novo dicionário da língua portuguesa* (2.ª ed.). Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira. <<https://www.gutenberg.org/files/31552/31552-pdf.pdf>> [consulta: 22.V.2020].
- Finatto, Maria José (2018): «Corpus-amostra português do século XVIII: textos antigos de medicina em atividades de ensino e pesquisa», *Domínios de Linguagem*, 12 (1): 435-464 (jan.-mar.). <[doi: 10.14393/DL33-v12n1a2018-15](https://doi.org/10.14393/DL33-v12n1a2018-15)> [consulta: 13.IV.2020].
- Gameiro, Aires (2005): «A Postilla religiosa e arte de enfermeiros. Um livro notável para a memória da Ordem Hospitaleira em Portugal no Século XVIII», *Archivo hospitalario*, 3: 513-537.
- Graça, Luís (2005[1741]): «Apresentação: a arte da enfermagem no século XVIII», em Padre Frei Diogo de San-Tiago: *Postilla religiosa, e Arte dos enfermeiros...* Lisboa: 1741. Edição fac-símile. Lisboa: Alcalá, 1-IV.
- Henriques, Francisco da Fonseca (1708): *Tratado unico do uzo, e administração do Azougue nos cazos em que he prohibido*. Lisboa: Valentim da Costa Deslandes, impressor del Rey.
- Henriques, Francisco da Fonseca (1710): *Medicina lusitana, e socorro delphico aos clamores da natureza humana, para total profligação de seus males*. Amsterdam: Em Casa de Miguel Diaz.
- Henriques, Francisco da Fonseca (1715): *Madeyra illustrado*. [...]. Lisboa: Officina de Antonio Pedroso Galram.
- Henriques, Francisco da Fonseca (1721): *Anchora Medicinal para conservar a vida com saude*. Lisboa Occidental: Officina da Musica.
- Henriques, Francisco da Fonseca (1726): *Aquilegio medicinal*. [...]. Lisboa Occidental: Officina da Musica.
- Houaiss, Antônio (2001): *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. CDRom. Rio de Janeiro: Editora Objetiva.
- Instituto de Investigación Rafael Lapesa de la Real Academia Española (2013): *Corpus del Nuevo diccionario histórico (CDH)* [on-line]. <<http://web.frl.es/CNDHE>> [consulta: 30.VII.2020].
- Instrução de enfermeiros, e consolaçam para os affligidos enfermos: E verdadeira pratica de como se devem applicar os remedios, que os Medicos ordenaõ, Muito necessarias para que os enfermos seiaõ bem curados, e proveitosa aos praticantes de Medicina* (1747). Lisboa: Na Officina de Francisco da Silva.
- Lemos, Maximiliano de (1899): *História da medicina em Portugal: Doutrinas e instituições*, 2 vols. Lisboa: Manoel Gomes. <<https://archive.org/details/historiadamedicioolemo>> [consulta: 14.V.2020].
- Machado, José Pedro (1977): *Dicionário etimológico da língua*

- portuguesa, 5 vols., 3.^a ed. Lisboa: Livros Horizonte.
- Machado Filho, Américo Venâncio Lopes (2013): *Dicionário etimológico do português arcaico*. Salvador: EDUFBA.
- Maillo Salgado, Felipe (1998): *Los arabismos del castellano en la Baja Edad Media*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.
- Murakawa, Clotilde de Almeida Azevedo (2005): «Terminologia e marcas terminológicas na Lexicografia Portuguesa de Setecentos: D. Raphael Bluteau e António de Moraes Silva», em Maria Aldina Marques, Erwin Koller, José Teixeira e Aida Sampaio Lemos (org.): *Ciências da linguagem: 30 anos de investigação e ensino*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos/Universidade do Minho, pp. 217-230.
- Murakawa, Clotilde de Almeida Azevedo (2014): «Vocabulário das enfermidades em documento do Brasil colonial: o relato de “Prodigiosa Lagoa” (1749)», em Clotilde de A. A. Murakawa e Odair Luiz Nadin: *Terminologia: uma ciência interdisciplinar*. São Paulo: Cultura Acadêmica, pp. 83-101.
- Nogueira, Manuel (1990): *História da enfermagem*. 2.^a ed. revista e ilustrada. Porto: Salesianas.
- Orta, Garcia de (1563): *Coloquios dos simples e drogas medicinais da India* [...]. Goa: por Ioannes de endem. <<http://purl.pt/22937>> [consulta: 19.IV.2020].
- Pereira, Bento (1697): *Prosodia in vocabularium bilingue, Latinum, et Lusitanum digesta... Septima editio auctior, et locupletior ab Academia Eboresi*. Eborae: e Typographia Academiae. <<http://purl.pt/30226>> [consulta: 05.IX.2020].
- Pita, João Rui e Ana Leonor Pereira (2012): «A arte farmacêutica no século XVIII, a farmácia conventual e o inventário da Botica do Convento de Nossa Senhora do Carmo de Aveiro», *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*, 14.1: 227-268. <<http://www2.dlc.ua.pt/classicos/11.Pita.pdf>> [consulta: 20.VII.2020].
- Província Portuguesa da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus. História. <<http://www.isjd.pt>> [06.IV.2020].
- Rio-Torto, Graça, Alexandra Soares Rodrigues, Isabel Pereira, Rui Pereira e Sílvia Ribeiro (2013): *Gramática derivacional do português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Roma, Francisco Morato (1753 [1664]): *Luz da medicina, pratica racional, e methodica, guia de enfermeiros, directorio de principiantes* [...]. Coimbra: Na Oficina de Francisco de Oliveira. <https://books.google.pt/books?id=CKHr-SWAWpScC&printsec=frontcover&hl=pt=-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=o#v=onepage&q&f=false> [consulta: 09.IV.2020].
- Sampaio, Maria Amélia Bordalo Machado Cardoso de (2019): *A Ordem Hospitaleira de São João de Deus e a primeira república portuguesa*. Tese de Doutoramento em História. Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras. <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/38160/1/ulfl261446_td.pdf> [consulta: 12.IV.2020].
- Santiago, Fr. Diogo de (1741): *Postilla religiosa, e Arte de Enfermeiros, guarnecida com eruditos conceitos de diversos Autores, facundos, Moraes, e escurituarios*. Lisboa: Na Oficina de Miguel Manescal da Costa. <<https://archive.org/details/b30507340>> [consulta: 12.III.2020].
- Santo António. D. Caetano de (1707): *Pharmacopeia lusitana reformada, methodo pratico de preparar medicamentos na forma Galénica, & Chimica*. Lisboa: Impresso no Real Mosteiro e São Vicente de Fora. <https://books.google.pt/books?id=ijJRAAAAcAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=o#v=onepage&q&f=false> [10.IX.2020].
- Santos, Luís Fernando Carvalhinho Lisboa dos (2012): *Uma história da enfermagem em Portugal (1143-1973): a constância do essencial num mundo em evolução permanente*. Tese de Doutoramento. Universidade Católica Portuguesa. <<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/12265/1/TD%20-%20Dezembro%202012%20-%20Final.pdf>> [consulta: 09.VII.2020].
- Sant-Iago, Pe. Diogo de ([1741] 2005): *Postilla religiosa, e arte de enfermeiros: guarnecida com eruditos conceitos de diversos authores, facundos, Moraes, e escurituarios*. Lisboa Occidental: Na Oficina de Miguel Manescal da Costa, ed. Facsímile da ed. de 1741, Apresent. Luís Graça; Introd. Aires Gameiro. Lisboa: Alcalá.
- Semedo, João Curvo (1707): *Observações medicas doutrinaes de cem casos gravissimos*. Lisboa: Na Oficina de Antonio Pedrozo Galram. <https://archive.org/details/bub_gb_qc-VH54Hs2ioC> [consulta: 12.V.2020].
- Semedo, João Curvo (1720): *Atalaya da vida contra as hostilidades da morte fortificada, e guarnecida com tantos defensores, quantos são os remedios, que no discurço de sincoenta, & oyto annos experimentou* (...). Lisboa: Na Oficina Ferreyrenciana.
- Semedo, João Curvo (1727): *Polyanthea medicinal. Noticias galenicis e chymicas repartidas en tres tratados* [...], quarta vez impressa. Lisboa Occidental: Oficina de Antonio Pedrozo Galram.
- Suárez de Ribera, Francisco (1732): *Ilustracion, y publicacion de los diez y siete secretos del Doctor Juan Cuervo Semmedo: confirmadas sus virtudes con maravillosas observaciones*. Madrid: en la imprenta de Domingo Fernandez de Arrojo.
- Suárez de Ribera, Francisco (1736): *Manifestacion de cien secretos del Doctor Juan Curvo Semmedo experimentados, é ilustrados por el doctor Rivera*. Madrid: en la Imprenta de Domingo Fernandez de Arrojo.
- Verdelho, Telmo (1998): «Terminologias na língua portuguesa. Perspectiva diacrónica», em Jenny Brumme (ed.): *La història dels llenguatges iberoromànics d'especialitat (segles XVII-XIX): solucions per al presente*. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada/Universitat Pompeu Fabra, pp. 98-131.
- Vieira, Fr. Domingos (1871-1784): *Grande dictionario portuguez ou thesouro da lingua portugueza*, 5 tomos. Porto: Em Casa dos Editores Ernesto Chardron & Bartholomeu H. de Moraes.
- Villalva, Alina e João Paulo Silvestre (2014): *Introdução ao estudo do léxico*. Petrópolis: Editora Vozes.